

**Manifestação das relações de gênero em uma escola de educação infantil no município de Vitória da Conquista, BA**

Ana Beatriz De Castro Sampaio  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: anabeatrizcsampaio@gmail.com

Silvia Regina Marques Jardim  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: silvia.regina@uesb.edu.br

1460

**Palavras-chave:** Relações de Gênero. Educação Infantil. Construção social. Papéis sexuais. Formação docente

## INTRODUÇÃO

As relações de gênero, como construção social, podem ser observadas na Educação Infantil. Os objetivos desta pesquisa são analisar, a partir da categoria gênero, como as crianças se posicionam em relação aos papéis sexuais através de falas, brincadeiras, brinquedos, cores específicas e também observar como a professora se posiciona em relação às manifestações das crianças no que diz respeito às diferenças de gênero.

Estudar as manifestações das relações de gênero na Educação Infantil se destacou pelas observações e vivências pessoais que tive ao longo da graduação em Pedagogia. Tive contato com crianças que mostraram “pré-conceitos” sobre o que é direcionado exclusivamente *para eles* e o que é *para elas*. Finco (2013, p. 173) afirma que “as preferências e os comportamentos de meninas e meninos não são meras características oriundas do corpo biológico, são construções sociais e históricas.”.

Dessa forma, o ambiente escolar se apresenta como um local propício para observação de relações sociais. Assim, a realização dessa pesquisa auxilia nos processos formativos propiciando atenção maior às diversas manifestações sociais vindas das crianças.

**Realização:**



**Apoio:**



## **METODOLOGIA**

Metodologicamente, o presente estudo utilizou abordagem qualitativa que, segundo Minayo (2009), trabalha com significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Inserida na pesquisa qualitativa está a pesquisa bibliográfica, que também foi utilizada no tema apresentado. Para Lakatos & Marconi (2002), tal pesquisa se dá quando é utilizado material escrito, considerando todo o material já publicado sobre o tema referido. O estudo consiste em um compilado geral de trabalhos já realizados, publicados entre o ano de 2008 e o de 2018, disponibilizados nas plataformas “SciELO” e “Google Acadêmico”.

Após a revisão de literatura, houve acréscimo de pesquisa de campo que foi realizada em uma escola municipal de Educação Infantil do município de Vitória da Conquista, localizada na zona oeste. A coleta de informações foi feita por meio de observação durante o período de 15 dias, no turno vespertino. Neste período, os principais participantes foram: professoras, coordenadora, diretora e demais funcionários da escola. Por meio da pesquisa empírica, foi possível realizar observações cotidianas no ambiente escolar, que foram relacionadas com o que o material bibliográfico traz: padrões sexistas reproduzidos na Educação Infantil.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os contatos iniciais das crianças com as práticas educacionais da escola são de suma importância para seu desenvolvimento. Para Finco (2010, p.35), “as diferentes formas de ser menino e de ser menina são evidenciadas dentro de um processo de socialização, no processo de escolarização, onde as crianças são atores sociais”. A Educação Infantil ocorre na primeira infância, período de tempo de vida da criança em que é formada boa parte dos aspectos da personalidade da mesma.

Na escola, a criança é e deveria ser vista como “crítica do seu tempo, participante ativa da realidade social, investigadora, elaboradora de hipóteses, transformadora do mundo que a cerca.” (Finco, 2010, p.17). Mas o que por vezes pode acontecer é o condicionamento a um determinado modelo comportamental. Para Finco (2010), são

**Realização:**



**Apoio:**



perceptíveis os esforços existentes para que as crianças desenvolvam uma identidade de gênero feminina ou masculina, dentro do que é designado socialmente.

Nas vivências diárias das crianças na escola está o contato com brinquedos e brincadeiras, que são importantes na construção do gênero. As cores também são fortes indícios de práticas sexistas na escola, especialmente rosa e azul.

Os profissionais da educação, no que diz respeito aos seus papéis, têm suma importância na modificação desse cenário, pois “a desigualdade entre homens e mulheres historicamente naturalizada nas relações sociais, encontra-se na educação sexista um suporte ideológico para sua reprodução cotidiana” (Nascimento, 2015, p.2).

Acerca da visita de campo, em respeito à privacidade da escola como um todo, seu nome, o dos servidores e das crianças foi ocultado, sendo o destas últimas substituído por nomes fictícios de cores. Na turma, há 20 crianças, 13 meninas e 7 meninos, de 4 e 5 anos. Sobre o uniforme, as blusas são iguais para todos, enquanto na parte inferior há a opção de short saia para as meninas e de bermuda para os meninos. A disposição de carteiras na sala não faz distinção, meninos e meninas se misturam.

No primeiro dia de observação, a docente contou todas as crianças; depois, apenas as meninas e, por último, apenas os meninos. Ao anotar as quantidades no quadro, desenhou um carrinho para a quantidade de meninos e uma flor para a quantidade de meninas. Sobre isso, Finco (2013) diz que:

A cristalização dos papéis masculinos e femininos no dia-a-dia das instituições de educação infantil leva à produção da menina e do menino “legítimos” ou “normais” e, conseqüentemente, à classificação e à hierarquização das diferentes práticas que acabam por criar a distinção entre os comportamentos anormais e os normais (Finco, 2013, p. 180).

Nas placas da *chamadinha*, o nome das meninas é escrito em rosa e o nome dos meninos em azul, há também um pássaro azul e outro rosa. Em uma atividade envolvendo lápis de cor, a monitora de Violeta escolheu um vermelho para a garota, mas depois substituiu por um rosa. A respeito disso, Dall Evedove (2012) diz que:

É comum [...] as crianças escolherem a cor de acordo com aquela que é considerada adequada ao seu sexo: se menino, azul, se menina, cor de rosa. [...] a escolha de rosa ou azul não é, de fato, uma escolha, mas um

**Realização:**



**Apoio:**



aprendizado que, desde a mais tenra idade, a criança realiza por punições e sanções que indicam cotidianamente qual cor se deve escolher (Dall Evedove, 2012, p.17-18).

O aluno Lavanda chorou e saiu um pouco da sala. Depois de acalmá-lo, a professora veio até mim e disse que o aluno é “sentimental”. Apesar de não ter pedido para que o aluno parasse de chorar, o adjetivo utilizado pela professora remete ao fato que “os meninos não são estimulados a compartilhar seus sentimentos, muito pelo contrário, quando o fazem, muitas vezes, são nomeados de ‘mulherzinha’” (Azevêdo, 2018, p. 62).

No segundo dia de observação, duas meninas estavam brincando com brinquedos que imitavam artigos de cozinha. Sobre isso, Nascimento (2015) diz que

[...] os brinquedos considerados de meninas, têm um papel representativo na construção de sua identidade e posicionamento na sociedade [...]. Já com os garotos, os brinquedos tidos de “meninos” [...] são associados à criatividade, aventura e ao desenvolvimento de habilidades. (Nascimento, 2015, p. 5-6).

Durante uma atividade de colorir, eu estava sentada ao lado do aluno Verde e este me pediu para escolher uma cor para ele usar, escolhi o lápis rosa:

**Verde** - Rosa?  
**Eu** - É, por quê?  
**Verde** - Vou ter que pintar, né?!  
**Eu** - Mas por quê? Você não gosta de rosa?  
**Verde** - Não, né?!  
**Eu** - Por que?  
**Verde** - Porque é cor de...  
**Eu** - De quê?  
Verde não quis responder.

Diálogo 1.

Verde, apesar de não ter dito, insinuou que a cor rosa remete ao universo feminino.

No pátio, havia um painel na parede de outra sala, com fotos dos alunos da turma: meninas em um papel rosa de fundo, meninos em papel azul, associando a cor azul ao masculino e a cor rosa ao feminino. Na mesma semana, o aluno Roxo estava brincando de carrinho e a aluna Rosa pediu para brincar também, Roxo negou, alegando que era

**Realização:**



**Apoio:**



brinquedo de homem. No dia seguinte, a aluna Bordô distribuiu copos plásticos coloridos para todas as crianças: na cor rosa para as meninas e na cor preta para os meninos. Quando Bordô terminou, a chamei e tivemos o seguinte diálogo:

**Ana Beatriz** - *Por que você entregou apenas copos pretos para os meninos?*

**Bordô** - *Porque eles são meninos.*

**Ana Beatriz** - *Mas o que é que tem?*

Silêncio.

**Ana Beatriz** - *Você acha que eles não gostam de rosa?*

**Bordô** - *Não.*

**Ana Beatriz** - *Por que?*

**Bordô** - *Porque são meninos.*

1464

Diálogo 2.

Os diálogos com as crianças puderam ilustrar a diversidade de opiniões que estas revelam sobre haver ou não cores, brinquedos e brincadeiras para meninos e para meninas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposição teórica abordada por este trabalho infere que as relações de gênero se manifestam e estão presentes na vida cotidiana das crianças. O posicionamento docente se revela como interposição entre o que a criança deseja e o que dela é exigido. No tocante ao seu trabalho constatou-se que, na maioria das situações presenciadas, a professora concedeu liberdade aos alunos para realizarem suas escolhas. Porém, foi percebido, no contato com outras professoras, falas e ações mais incisivas vindas destas, mostrando que as turmas tinham contato com influências distintas.

Foi notada uma heterogeneidade na turma, onde parte dela não atribui brinquedos, brincadeiras e cores aos gêneros, enquanto parte demonstrava atribuição, revelada principalmente nas cores e nos diálogos, refletindo a internalização precoce de padrões de comportamento associados ao gênero. Os resultados obtidos permitem concluir que a conduta profissional da professora em relação às crianças, assim como o ambiente escolar, influencia diretamente seus comportamentos e escolhas em sala de aula.

Realização:



Apoio:



## REFERÊNCIAS

Azevêdo, A. **Construindo gêneros não binários na Educação Infantil: uma análise discursiva sobre o machismo**. UEPB: 26 de abr. de 2018. Disponível em: <http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/tede/3427/2/ARILANE%20FLORENTINO%20F%20C%20LIX%20DE%20AZEVEDO.pdf>. Acessado em 03 março de 2020.

Dall Evedone. E. M. A construção do gênero nas propostas curriculares para o último ano da educação infantil e primeiro ano do ensino fundamental elaboradas pelo município de Marília/SP. 2012. 197 f. **Dissertação de mestrado** - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/96309>. Acessado em dezembro de 2020.

Finco, D. Educação Infantil, espaços de confronto e convívio com as diferenças: análise das interações entre professoras e meninas e meninos que transgridem as fronteiras de gênero. 2010. **Tese de Doutorado** em Educação - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://repositorio.minedu.gob.pe/handle/20.500.12799/1733>. Acessado em novembro de 2023.

Finco, D. **Encontro com as diferenças na educação infantil: meninos e meninas nas fronteiras de gênero**. Leitura: Teoria & Prática, Campinas, v.31, n.61, p.169-184, nov. 2013. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/182>. Acessado em outubro de 2022.

Lakatos, E. M.; Marconi, M. A. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo, Editora Atlas S.A, 2002. p. 71 – 83.

Minayo, M. C. S.; Deslandes, S. F.; Gomes, R. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ. Vozes: 2009. P. 21 – 22.

Nascimento, A. **Educação sexista: uma reprodução da ideologia patriarcal**. UERN: 2015. Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2015/TRABALHO\\_EV045\\_MD1\\_SA2\\_ID6732\\_17082015170119.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2015/TRABALHO_EV045_MD1_SA2_ID6732_17082015170119.pdf). Acessado em março de 2020.

Realização:



Apoio:

